

ESCOLA LOURENÇO CASTANHO
PROJETO CIENTÍFICO

HIGIENÓPOLIS: HISTÓRIA, CULTURA E SEUS IMPACTOS NA
FUNCIONALIDADE DO BAIRRO

Anna Paula dos Santos Fernandes
Nicolas Alves Correia

Orientador: Guilherme Bastos Daniel

São Paulo
2022

RESUMO

Esta pesquisa possui como foco analisar a história do bairro Higienópolis e sua cultura, além de buscar relacionar estes aspectos à atualidade do local, desde as mudanças na arquitetura de seus edifícios e construções a funcionalidade atribuída a eles. O projeto reflete sobre como as construções ali presentes e seus habitantes impactaram a sua situação ao longo do tempo, evidenciando a permanência de marcas do passado ainda hoje. Discutiremos também como os conceitos de modernidade e cultura podem ter se relacionado com esta renovação frequente do bairro.

Palavras-chave: Higienópolis; Arquitetura; História do bairro; Funcionalidade do bairro; Cultura

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	3
2	JUSTIFICATIVA.....	5
3	METODOLOGIA.....	6
4	REVISÃO TEÓRICA.....	8
5	LINHA DO TEMPO DO BAIRRO.....	13
5.1	Transformações após 1930.....	15
6	CONTRIBUIÇÕES DO TRABALHO DE CAMPO.....	19
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
	REFERÊNCIAS.....	22

1 INTRODUÇÃO

Segundo Norman Foster (2014)¹, um importante arquiteto britânico, "A arquitetura é uma expressão de valores - a forma como construímos é um reflexo do modo como vivemos.", ou seja, ela é parte importante da vida de todos e é capaz de expressar muitas coisas sobre um local e seus habitantes. Nosso projeto busca fazer uma análise dentro da história e contemporaneidade de Higienópolis sobre como seus moradores, cultura, funcionalidade do espaço e arquitetura se modificaram ao longo do tempo, por meio de uma divisão por décadas em busca de facilitar a compreensão dos diferentes períodos do local e tendo como foco principal o impacto desses tópicos no bairro após os anos 2000.

O bairro, que está situado no centro da cidade de São Paulo, atualmente possui um forte perfil residencial de classe média-alta e alta e ainda preserva diversas construções de caráter histórico em meio aos modernos edifícios residenciais. No passado, chácaras pertencentes à elite cafeeira paulista ocupavam o local que, com a modernização e urbanização, foi um dos primeiros bairros a receber um sistema de esgoto, fato do qual seu nome se deriva.

Sendo Higienópolis um dos bairros mais conhecidos e possuidor de uma extensa história que dispõe de diversos momentos diferentes onde as influências arquitetônicas e função das construções se mesclam, somam e divergem, estudar sobre isso se mostra importante para que se possa entender mais sobre a cidade.

¹ Fala presente na matéria "The role of architecture in today's society" da revista The European. Disponível em: <https://www.theeuropean.de/en/norman-foster/9114-the-role-of-architecture-in-todays-society>; acesso em 14/11/2022

1 OBJETIVOS

Inicialmente, o plano do grupo era tratar sobre a arquitetura e como ela se relacionava com a cultura dentro da história do bairro da Liberdade, tendo Higienópolis apenas como uma segunda opção distante. No entanto, com o início das pesquisas, foi constatado que não haviam muitas matérias e artigos científicos falando sobre a arquitetura desse bairro, o que dificultaria nossa própria pesquisa. Então, o foco foi voltado para Higienópolis e, com a leitura de alguns textos e debates dentro do grupo, o tema da história e da funcionalidade do bairro e seus prédios se mostrou de interesse comum que cresceu após o aprofundamento no assunto.

Este projeto tem como objetivo analisar as transformações do bairro Higienópolis, com enfoque em suas construções e respectivas funcionalidades, a partir dos anos 2000. Ao longo da pesquisa será abordada também a história passada do bairro, como os ocupantes da região influenciaram na arquitetura e na forma de ocupação dos edifícios ali presentes. Também serão discutidas a mudança no padrão de ocupantes das residências no bairro, como chegaram para morar ali e porque se mudaram ou não, e os eventos que levaram essas modificações a ocorrerem, sejam eles causados pela chegada de imigrantes, deslocamento dos antigos moradores para outros bairros movidos por novos interesses, ou alguma outra razão a ser observada durante o trabalho.

2 JUSTIFICATIVA

O desenvolvimento de um trabalho como o nosso é importante, pois ele tem como um de seus objetivos mostrar com clareza as diversas funções do bairro e demonstrar como elas afetam a forma com que as pessoas usufruem dele, seja por residência e permanência rotineira no local, para trabalho, ou apenas como rota para se locomoverem pela cidade. Ademais, estudar como o bairro se transforma e seu porquê traz à tona um novo jeito de entender o ambiente em que vivemos. Além disso, a pesquisa é fundamental para que seja possível averiguar a ideia popular e incerta de que um bairro se molda apenas por suas construções e residentes atuais quando, na realidade, há um processo mais complexo que envolve a história do bairro, sua relação com as transformações econômicas, políticas e sociais da cidade, dentre outros fatores que pretendemos investigar ao longo do trabalho. Além disso, buscaremos trabalhar sobre o conceito de “rugosidades”, de Milton Santos (2008), que “são o espaço construído, o tempo histórico que se transformou em paisagem, incorporado ao espaço”, dentro de Higienópolis.

Apesar de o bairro ser bem conhecido, com a realização de várias pesquisas e informações a respeito de sua história, a grande maioria é focada em seu passado ou em seu processo de verticalização e modernização, sendo poucas as que tratam sobre o estado do mesmo dos anos 2000 adiante. Com nosso trabalho, esperamos ampliar essa visão sobre a contemporaneidade de Higienópolis, realizando uma pesquisa que leve em consideração não somente os edifícios do bairro e quais funções eles exercem na atualidade, como também sua relação com a cultura, a questão da modernidade e o processo de imigração. Com as informações coletadas e analisadas pretendemos, portanto, somar com os conhecimentos já existentes sobre o bairro, contribuindo para o desenvolvimento de sua história e a preservação de sua memória.

3 METODOLOGIA

Para possibilitar a execução de nossa pesquisa, optamos em proceder por meio da leitura de artigos científicos, como, por exemplo, matérias da revista Vitruvius de arquitetura, além da realização de trabalho de campo na região de Higienópolis, contando com três visitas ao bairro, nos dias 16 e 27 de agosto e 29 de outubro de 2022, para análise e observação dos edifícios, com destaque para os casarões e construções antigas, e o perfil de seus frequentadores. Para viabilizar a mobilização dos conceitos de modernidade, foi trabalhado o segundo capítulo do livro "A Condição Pós-Moderna", de David Harvey, enquanto para mobilizar a definição de cultura, a obra "Notas para a uma definição de cultura", de T. S. Eliot. Já para tratar sobre o desenvolvimento dos bairros da cidade de São Paulo, incluindo Higienópolis, e a mudança de perfil de seus moradores, utilizamos o livro "Cidade de muros – Crime, segregação e cidadania em São Paulo" da autora Teresa Pires do Rio Caldeira.

Outra parte de nossas pesquisas se deu por meio da leitura de artigos científicos e teses de doutorado como a de Élide Regina de Moraes Zuffo, "Pioneiros modernos: verticalização residencial em Higienópolis", que reflete sobre a história do bairro, desde sua fundação até por volta da década de 1960 e sobre o processo de verticalização que o afetou. Uma outra fonte utilizada foi o periódico Vitruvius de arquitetura e urbanismo e alguns de suas matérias voltadas especificamente a Higienópolis, como "Higienópolis: casarões e memória", de Mahayana Nava de Paiva Gaudencio e Thâmara Talita Costa de Carvalho, que discute a importância dos casarões situados no bairro para identidade do local e sua história.

Já em nossa pesquisa de campo, um olhar crítico foi voltado às construções históricas presentes nas avenidas Angélica e Higienópolis, além de ruas em seus arredores, como a rua Maria Antônia e a rua Alagoas. Buscamos aplicar os conceitos de modernidade para entender como isso influenciou na mudança da ocupação e utilização dos prédios, comparando a como estas características dos edifícios eram na antiguidade do bairro.

Foram visitados o Parque Buenos Aires, dois estabelecimentos do Banco Itaú situados em casarões restaurados, o 7º batalhão da Polícia Militar, o Colégio e Igreja Nossa Senhora de Sion, a Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP), o Teatro da

4 REVISÃO TEÓRICA

A ideia inicial para nosso projeto era a de realizar uma análise sobre como a arquitetura de um bairro foi influenciada pela história dele, tendo sido um tema que já havíamos decidido desde antes de a pesquisa ser iniciada. Após algumas reuniões com nosso orientador ficou decidido que o bairro que seria nosso foco era Higienópolis, sobre o qual já havia algum conhecimento prévio por nossa parte.

Assim que pensamos em tratar sobre essas mudanças que ocorreram pelo local, o texto de David Harvey “A Condição Pós-Moderna”, que havíamos trabalhado anteriormente em aulas de filosofia, surgiu em nossa mente.

No segundo capítulo da obra, o autor utiliza uma citação de Baudelaire para definir a modernidade como algo transitório, fugidio e fugaz, sendo a vida moderna marcada pela efemeridade e mudança constante. (Harvey, 2008, pg. 21)

Logo após a escolha de Higienópolis, fomos em busca de obras que possuísem o bairro como assunto principal com o propósito de confirmarmos a existência de materiais acerca da história das construções e estilo arquitetônico do local, problema que havíamos sofrido com nossa escolha anterior, o bairro da Liberdade. Nesse período, o primeiro texto que atraiu atenção foi a tese de doutorado “Pioneiros modernos: verticalização residencial em Higienópolis”, da arquiteta e urbanista Élide Regina de Moraes Zuffo. Além desse, a matéria “Higienópolis: casarões e memória”, das autoras Mahayana Nava de Paiva Gaudencio e Thâmara Talita Costa de Carvalho, se mostrou de extrema relevância para o debate sobre o valor histórico de certas construções presentes nas ruas do bairro.

Quanto ao texto de Zuffo, foi feita a leitura do capítulo “As transformações de Higienópolis: evolução histórica”, que constrói uma linha histórica do bairro desde seus primórdios até por volta da década de 1940.

Por volta de 1870, quando a ocupação da área se iniciou com mais vigor, suas construções se resumiam a chácaras urbanas ou modernizadas, vizinhas à área plenamente urbana e em expansão, fator que lhes conferia certa instabilidade, reduzindo o seu tempo de existência (MACEDO, 1982, p.45). Essa configuração perdurou até o final da década de 1880.

A autora destaca, no final do século XIX, a chegada de novos investidores e o loteamento das terras dos antigos moradores que consolidaram a expansão do bairro. Os novos casarões e palacetes tinham como público alvo a elite cafeeira, além de comerciantes estrangeiros e fazendeiros vindos da Europa. Os edifícios possuíam diversos estilos, desde construções neoclássicas a palacetes em *art nouveau*, fruto das influências estrangeiras trazidas pelos imigrantes que ali viviam

A partir da década de 1930, a reforma de casarões e construção de edifícios de apartamentos promoveram uma descaracterização do bairro. Muitos dos casarões com o passar do tempo foram abandonados, vendidos ou utilizados para outras funções por conta da inviabilidade de sustentar tais construções que demandavam um grande número de funcionários. Esse reaproveitamento dos casarões por fins históricos e estéticos ainda é presente, não sendo difícil encontrar pelo bairro essas construções restauradas sendo utilizadas como bancos ou restaurantes.

Todas essas transições de arquitetura e modo de vida em Higienópolis ao longo de sua história ajudam a confirmar a tese de Harvey, o local que sempre possuiu destaque e buscou por modernidade teve sua identidade se alterando cada vez mais rapidamente.

Somente após os anos 1940 a verticalização se tornou notável, sendo os prédios construídos inicialmente nas áreas das casas mais antigas e maiores lotes. Os primeiros inquilinos dos apartamentos seguiam o padrão de elite já antes existente no local e que até a atualidade perdura.

Já sobre o artigo de Mahayana Gaudencio e Thâmara de Carvalho, é trabalhado a importância dos casarões e sua preservação para que o bairro mantenha sua identidade e valor histórico ao longo do tempo. É destacado no texto o papel que essas construções possuem para que exista uma conexão entre o passado, o presente e o futuro, sendo elas a fonte de memória que faz com que o sujeito se identifique com o espaço e possua alguma referência dos primórdios da cidade.

Como meio de garantir a sobrevivência dessa arquitetura ao tempo, são impostas a necessidade de vida, uso e manutenção, o que pode ser visto atualmente por meio do reaproveitamento dos edifícios, mudanças na ocupação e atual utilização como espaço comercial ao invés de residencial como era no passado. Ou seja, no presente, a sociedade está tendo êxito ao preservar essas memórias, o que auxilia na caracterização do bairro como um espaço de elite desde seus primórdios e o torna popular pela arquitetura diferenciada em meio a prédios modernos.

Após essas leituras iniciais, recebemos do nosso orientador recomendações de textos que poderiam se relacionar e incrementar nossa pesquisa. Foram recomendadas as obras “Cidade de muros”, de Teresa Pires do Rio Caldeira, “Notas para a uma definição de cultura”, de T. S. Eliot, além de “Brasil, cidades – alternativas para a crise urbana”, de Erminia Maricato. Além de acrescentar repertório sobre as mudanças que ocorreram durante o desenvolvimento da cidade de São Paulo, o conceito mais geral de cultura também é trabalhado.

No texto de Teresa Caldeira, é dito que a separação que ocorre entre a elite e os mais pobres é motivada principalmente pelo temor às doenças que as condições precárias de vida desses promoviam. Tal afirmação auxilia no entendimento de como Higienópolis, que recebe esse nome por ter sido o primeiro bairro de São Paulo com saneamento básico, conseguiu manter o status de elite.

Em 1915, uma lei municipal foi a principal responsável por consolidar a separação da elite do resto da população, ao dividir a cidade em zonas, o território central e mais urbanizado da cidade ficou ocupado pela alta classe. O que a autora estabelece como padrão da experiência moderna de vida pública na época ainda pode ser facilmente observado na atualidade, desde a presença de pessoas de diferentes grupos sociais passeando, até a utilização de espaços especialmente designados para o lazer das massas, como parques e praças.

É dito na obra que a arquitetura modernista e o planejamento urbano que surgem por volta dos anos 50 possuem o objetivo de apagar diferenças sociais e criar uma espécie de igualdade na cidade. Porém, como constatado por Caldeira (2003, p. 311), “Ao destruir a rua como espaço para a vida pública, o planejamento modernista também minou a diversidade urbana e a possibilidade de coexistência de diferenças. O tipo de espaço que ele cria promove não a igualdade - como pretendido - mas apenas uma desigualdade mais explícita.”

Contudo, em áreas mais nobres, a individualidade e privacidade são acentuadas, levando a falta de uma vida pública significativa nas ruas. Para demonstrar tal tese, é citado como exemplo o bairro Morumbi, onde o pedestre é considerado pobre e suspeito, pois as pessoas de classe média e alta circulam em seus próprios carros ou utilizam o transporte público, tornando então inexistente a interação entre diferentes classes sociais. Tal perspectiva pode ser parcialmente vista em Higienópolis, apesar de ser um bairro de alta classe, a presença de parques e espaços públicos faz com que seus próprios moradores se tornem pedestres e ocupem as áreas, porém, é perceptível que o perfil desses transeuntes é constituído por certos grupos, sendo eles jovens, idosos ou famílias com crianças que utilizam essas áreas aos fins de semana.

Já referente a obra de Eliot, é trabalhado um conceito mais geral do que é a cultura dentro de uma sociedade, sua definição e funcionamento. É definido que “a cultura do indivíduo depende da cultura de um grupo ou classe, e que a cultura do grupo ou classe depende da cultura da sociedade a que pertence este grupo ou classe” (ELIOT, 2008, p.33). Este conceito pode facilmente se relacionar com a reforma e venda dos casarões que começam a partir dos anos 1930, como é explicitado no texto de Zuffo (2009). No momento em que a sociedade popularizou a urbanização e modernização dos edifícios não tardou aos próprios proprietários desses espaços começarem a seguir o novo padrão.

Também é instituída pela autora a existência da desintegração social, que seria quando a cultura se rompe em fragmentos de modo a se tornarem culturas independentes. Na realidade, é possível perceber essa desintegração que também é presente de certa forma na obra de Caldeira (2003). A separação de classes decorrente da vida moderna nada mais é que o esfacelamento da cultura anterior que integrava a todos e o surgimento de novas culturas diferentes para cada grupo social.

Eliot (2008) afirma que as pessoas são inconscientes de sua cultura, fato que pode ser provado pelo histórico que o bairro carrega de ser residência de famílias de elite enquanto seus pedestres se resumem a pessoas mais pobres. No presente, de forma distinta dos finais de semana, os ocupantes das ruas em sua maioria são trabalhadores do comércio do bairro, indo ou voltando do seu trabalho, tal como na antiguidade.

Ademais, no bairro foi possível observar um embate entre a renovação e a reabilitação das edificações. Como é apresentado na obra de Maricato (2001) os conceitos definidos nessas palavras explicitam bem a dinâmica do lugar. Em algumas partes pode-se identificar uma predominância na requalificação dos prédios para valorização histórica do local mantendo as raízes dos moradores e transeuntes mais tradicionais do bairro. Entretanto, na maioria dos edifícios é notável a dominância de altos imóveis com arquitetura moderna, sendo ela uma vanguarda bastante ampla que tem como principal fundamento utilizar itens simples para construções surpreendentes e com designs à frente de sua época, segundo a jornalista Yeska Coelho da CasaCor², que valorizam os setores mais dinâmicos da economia. A verticalização mostra-se majoritariamente pelo bairro.

Outro problema que foi percebido nas visitas foi a falta de cuidado com as pessoas em situação de rua. A questão da moradia social torna-se invisível perante aos moradores do bairro que evitam qualquer contato com essas pessoas. Além disso, a carência no cuidado com eles pode revelar e retomar um caráter histórico que a elite que sempre morou no bairro possa ter tido. Esse comportamento pode ser apenas uma reprodução de uma inibição de empatia cultivada desde os primórdios da fundação do local. Portanto esse tipo de comportamento demonstra de forma clara um traço da cultura semeada naquele local.

² Definição presente na matéria “Arquitetura Moderna: o que é, história e suas características!”, que pode ser encontrada no site da CasaCor. Disponível em: <https://casacor.abril.com.br/arquitetura/arquitetura-moderna/> ; Acesso em: 14/11/2022

5 LINHA DO TEMPO DO BAIRRO

Para que pudéssemos seguir com nossos objetivos de analisar as transformações que Higienópolis sofreu em seu passado e discutir sobre sua história, fomos incentivados por nosso orientador a buscar novos artigos e teses sobre o assunto além da própria tese de Zuffo. Porém, pouco foi encontrado pelo grupo e então tivemos que ampliar nosso campo de pesquisa para os livros.

A obra “Higienópolis: Grandeza de um bairro paulistano” de Maria Cecília Naclério Homem, 2018, nos foi indicada e logo começamos sua leitura.

O livro se inicia tratando sobre os antecedentes do surgimento do bairro, dividindo em duas áreas principais seus primórdios, sendo a primeira os altos de Santa Cecília e a segunda no lado ímpar da atual Avenida Higienópolis. Toda essa área era ocupada por membros da sociedade paulista dos meados da República. Homem (2018), dá destaque a três figuras femininas que no futuro viriam a ter um importante papel na vida social do bairro e sua evolução, sendo elas D. Maria Antônia, filha do barão de Antonina, D. Veridiana, filha do barão de Iguape, e D. Maria Angélica, filha do barão de Sousa Queirós.

Em 1878, Veridiana adquiriu terrenos em Santa Cecília, onde futuramente construiu Vila Maria, palacete em estilo renascentista francês que viria a se tornar sua residência e ponto de referência nos arredores. No local foi promovido o primeiro salão cultural aberto de São Paulo, no qual foram recebidas figuras de importância no mundo político, artístico e intelectual.

Já Dona Maria Antônia se distingue ao doar à Igreja Presbiteriana cerca de 27 mil m² de terra na esquina da rua que recebia seu nome, nesse espaço é onde viria a surgir anos depois o conjunto educacional Mackenzie.

A formação propriamente dita de Higienópolis apenas se inicia por volta de 1890, quando dois comerciantes alemães, Martinho Buchard e Victor Nothmann, loteiam uma área que ia da rua do Pacaembu em direção a Avenida Paulista. Após isso, a dupla passa a adquirir terras no entorno de seu primeiro investimento e seguir com o loteamento da região, o que impulsionou a especulação imobiliária paulista.

Higienópolis foi considerado o loteamento de maior importância econômica e social na época, tendo a área sido adquirida com o objetivo de construir um bairro residencial para a alta classe. O empreendimento teve apoio da própria prefeitura, que

por meio da lei nº 355, assinada pela Câmara Municipal instituiu que "as construções de casas nas avenidas Higienópolis e Itatiaia (atual avenida Angélica) a respeitarem seis metros entre o alinhamento e a frente da casa, pelo menos, para jardim e arvoredos, e bem assim, um espaço não menor de dois metros de cada lado" (apud, São Paulo(SP), 1898) , o que auxiliou na criação de imagem de um bairro arborizado e de grandes casas distantes da rua.

O lugar se beneficiou de água, esgoto, iluminação a gás, extensa arborização e ainda da proximidade com a linha de bonde. A existência de diversos colégios próximos, como o próprio Mackenzie, o Hycroft e o Brazilia Buarque, além de hospitais como a Santa Casa e o Hospital Samaritano se tornaram atrativos para futuros moradores.

Em 1912, a prefeitura teve participação na compra de certos terrenos da herdeira de Buchard para a construção de um jardim que viria a ser chamado de praça Higienópolis na época, e, apenas em 1913, recebeu o nome de Praça Buenos Aires e teve sua inauguração oficial em 1916. O local que conta com diversas estátuas além de um mirante e um espelho d'água se tornou logo o ponto preferido para as crianças do bairro. A autora destaca que os primeiros compradores de terras do loteamento de Buchard e Nothmann foram seus próprios conhecidos e parentes, além dos ocupantes da Escola Americana, logo o lugar também se tornou residência de anglo-saxões.

Também é constatado que a ocupação total do bairro só foi ocorrer na primeira década do século XX, quando fazendeiros de café, industriais e comerciantes se mudaram para lá. Sobre o estilo das casas, é dito por Homem (2011, p. 67) que "Repetiam-se os estilos conhecidos da cidade: chalés, casas neoclássicas, as térreas com porão e platibandas, geralmente casas geminadas e de aluguel, e de influência francesa com telhados de ardósia, e mansardas, ou a mistura destes na mesma obra"

Em 1902, Antonio Álvares Penteado, um cafeeiro e industrial que viria a ganhar destaque no bairro futuramente, adquire uma quadra na avenida Higienópolis onde ele constrói a Vila Penteado, palacete que serviria como sua moradia e lançou o estilo *art nouveau* em São Paulo. No mesmo ano é construído o Colégio Nossa Senhora do Sion em terras vendidas às freiras da congregação de mesmo nome. Já a partir do ano de 1929 os palacetes se tornaram mais raros e casas geminadas de aluguel começaram a despontar em meio a eles.

Se referindo ao período do final do século XIX como Belle Époque Paulista, é apontado pela autora a influência que certos moradores de Higienópolis tiveram na busca por inovação. É dito que D. Veridiana recebeu o próprio Imperador em sua última visita a São Paulo, além de sua casa servir como um ponto de encontro para figuras de relevância artística e intelectual.

Foi ela também a responsável por trazer ao país a máquina de sorvete, patrocinar companhias teatrais e artistas, organizar festas beneficentes, construir o Velódromo em parte de sua chácara e ser a primeira a possuir um carro com rodas de borracha no Brasil.

É dito que Paulo Prado, um dos netos de Veridiana, foi o responsável por criar um salão cultural onde reuniam-se Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Di Cavalcanti, Tarsila do Amaral, Anita Malfatti e outras figuras de extrema relevância social. Além disso, foi ele o responsável pelo aluguel do Theatro Municipal para que pudesse ser realizada a Semana da Arte Moderna.

5.1 Transformações após 1930

Então, é feita pela autora uma divisão periódica do processo de transformação sofrido por Higienópolis após 1930, levando em conta o nível socioeconômico dos moradores, os tipos de construções e as funções a que esse espaço se destina.

A primeira época é denominada “descaracterização” e se estende de 1930 a 1949. A proximidade com o centro facilitou a entrada da classe média e tráfego no bairro que trariam consequências irreversíveis, além de já ter perdido seu status para a Avenida Paulista, Pacaembu e Jardim América. Com o falecimento de moradores importantes, mudanças de famílias para bairros novos da burguesia e divisão de herança entre os herdeiros, o modo de vida e uso dos palacetes e casarões foram alterados.

Os primeiros edifícios em Higienópolis foram construídos pelos próprios ocupantes do bairro em busca de aluguel e ocupação de sua própria família. O pioneiro foi o prédio Alagoas, criado em 1933 na esquina da Avenida Angélica com a rua de mesmo nome, ele possuía cinco andares e duas lojas no térreo e se tornou modelo para os outros prédios que surgiram após sua construção.

Já na década de 40, outros edifícios foram erguidos no bairro tendo como público-alvo a classe alta, todos buscavam reproduzir o mesmo luxo das residências, tanto em tamanho quanto acabamento, o que tornava seus aluguéis exorbitantes. Apesar da verticalização, o bairro ainda continuou a se preocupar com a estética, tornando as aparências das casas de certa forma uniformes, das mais ricas até as de aluguel, e permanecendo com a arborização e presença de jardins em suas ruas. Poucos comércios estavam presentes em Higienópolis nessa época, sendo ainda um bairro de predominância residencial que contava como destaque suas instituições de ensino, tendo a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP se mudado para a antiga Vila Penteado em 1949, além da chegada dos colégios Rio Branco e Clarentiano.

O segundo período é denominado “interregno” e dura de 1950 até 1979. Esse é o período onde as marcas deixadas pela sociedade cafeeira são deixadas para trás e os arranha-céus dominam a cidade, não sendo Higienópolis uma exceção dessa condição.

Apesar de o número de jardins ter diminuído, a arborização permaneceu presente e em 1952 chegou ao bairro o ônibus elétrico. Além disso, o perfil dos moradores começou a sofrer mudanças, chegando diplomatas estrangeiros, comerciantes, profissionais liberais e judeus vindos do Bom Retiro, ainda com o alto poder aquisitivo sendo uma característica desses habitantes.

A autora cita rapidamente a chegada dos judeus ao bairro, apontando que ela começa já em 1922 com a abertura do Ginásio Hebraico-Brasileiro e se intensifica nos períodos anterior à Segunda Guerra Mundial devido às perseguições nazistas. Sua presença é considerada marcante no bairro tendo em vista o surgimento de sinagogas e escolas judaicas no local e em seus arredores.

Já entre 1952 e 1958, a construção do edifício Bretagne, o primeiro com 20 andares e apartamentos menores no bairro, gerou uma tendência sobre esse tipo de construção, que logo se popularizou no lugar nessa década. Outra tendência desse período foi a sofisticação das fachadas dos prédios para manter a imagem de prestígio e nobreza de Higienópolis. Porém, é dito por Homem (2018, pg 128) que o excesso de prédios, o aumento da densidade demográfica e a perda do perfil exclusivamente residencial levaram o bairro a ter seu alto padrão de vida comprometido.

Também é importante ser citado o evento que ficou conhecido como Batalha da Maria Antônia, ocorrida em 2 de outubro de 1968. Na data, estudantes da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo e Universidade Presbiteriana Mackenzie se enfrentaram na rua que leva o nome do ocorrido. Tudo foi ocasionado devido a posição favorável ao Comando de Caça aos Comunistas dos estudantes do Mackenzie e o forte movimento esquerdista e de combate à ditadura militar entre os alunos da USP.

Na década de 70, os casarões passam a sofrerem modificações em seus interiores e fachadas para modernizá-los e torná-los mais aptos a receber atividades comerciais, como as agências bancárias que neles se instalaram e adicionaram letreiros e decorações contrastantes com as construções.

Por fim, no último capítulo de sua obra, a autora trata sobre a fase entre 1980 e 2007 que ela denomina como o período de revitalização de Higienópolis. É citado o fenômeno nomeado como “higienopolização”, que se caracteriza pelo uso das proximidades com o bairro para dar mais destaque ao comércio imobiliário em suas vizinhanças.

Os prédios do local, recuados em relação às dívidas dos terrenos e em meio a jardins, além da presença da arborização e áreas verdes, como as praças Buenos Aires e Villaboim, garantiram a fama como uma das poucas áreas limpas e conservadas da cidade.



Imagem 1: exemplo de prédio com os arredores ajardinados visto no trabalho de campo. Fonte: próprios autores, 2022.

A construção de grandes prédios residenciais por todo o bairro atraiu mais moradores da classe média alta e média, sendo esses edifícios capazes de lhes proporcionar isolamento, não mais por questões de higiene e saúde, mas agora devido

a preocupações com a segurança. Devido a esse intuito, é afirmado que os novos prédios são como fortalezas, cercados por muros altos e com a presença de alarmes, vidro blindado e coisas do tipo.

É citado também o surgimento de flats, pequenos apartamentos medindo entre 30 e 40 m², nas ruas Maranhão, Piauí e Itambé, destinados aos estudantes da Faap, Mackenzie e Santa Casa. Já as avenidas Angélica e Higienópolis se tornaram a localização de diversas multinacionais que trouxeram com elas prédios de estilo moderno e contemporâneo, como o New England, que conta com o exterior envidraçado, escritórios e heliponto, e o Shopping Pátio Higienópolis.



Imagem 2: exterior do edifício New England, visitado no trabalho de campo. Fonte: próprios autores, 2022.

Segundo Homem (2018), os moradores do próprio bairro são em grande parte responsáveis pela conservação de seu perfil tranquilo, tendo sido eles os autores do plantio de centenas de árvores, da luta contra a poluição visual causada por cartazes e da revitalização de fachadas do comércio.

6 CONTRIBUIÇÕES DO TRABALHO DE CAMPO

Nas visitas realizadas ao bairro houveram informações enriquecedoras sobre a realidade do local. Os trabalhos de campo foram essenciais na construção da ideia de vivência e rotina dos moradores de Higienópolis.

Um ponto a ser levado em consideração é a forma como o conceito de rugosidade do Milton Santos dialoga tão fortemente com a região pois, próximo do centro histórico histórico estado de São Paulo, o bairro é afetado pelos seus arredores e acaba deixando rastros da sua antiga aparência por ruas e avenidas. Em trechos como a Rua da Consolação e na Avenida Higienópolis, pontos de grande translocação, há a presença de casarões, casas e prédios com arquitetura que remete a tempos históricos mais antigos.

Outro ponto é que, com as nossas observações do bairro, o tema da higiene que antes transformava o bairro em um lugar de ruas largas e casas recuadas e com grandes muradas para evitar a invasão ocasionada pela várzea do rio, atualmente se torna mais social se associando a luta contra pessoas em situação de rua. Dialogando muito com a ideia da moradia social que gera uma exclusão de uma significativa parte das pessoas que frequentam o bairro. A noção de usar construções antigas para aumentar o número de lares e amparo para quem sofre com a falta de moradia não é tão evidente e cria somente uma segregação entre as diferentes classes socioeconômicas presentes no bairro.

Em outra das nossas visitas pudemos analisar a gentrificação atuando no bairro. O termo consiste em uma mudança da paisagem urbana focando em alterar principalmente sua função e significado, normalmente ocorrendo em áreas populares e/ou antigas que parecem estar degradadas fisicamente para uma melhora que acaba atraindo moradores com renda mais elevada e excluindo seus antigos residentes.

Muitos lugares como pequenos prédios presentes no centro histórico de São Paulo sofrem esse processo. Antigas moradias dão espaço para bares, barbearias e lanchonetes que atraem um público jovem e de alto poder aquisitivo, aumentando assim o valor dos imóveis do bairro. Esse movimento inconscientemente expulsa pessoas com rendas inferiores, criando uma segregação sócio-espacial visível no bairro.

Ademais, o local acaba se comportando adequadamente como um bairro residencial com pontos comerciais estrategicamente posicionados para dar auxílio aos habitantes. A área se mostra auto sustentável, evitando que os moradores tenham que se deslocar para outros bairros para ter acesso a certos tipos de serviço, uma exceção observada é a vida noturna que, para ser usufruída, é necessário ir a outros locais em seus arredores, como a Santa Cecília e a Augusta.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após todo o nosso percurso de pesquisa e análise de textos, pudemos chegar a algumas conclusões sobre a influência dos moradores na construção do bairro e seu estilo de vida, as mudanças de funcionalidade sofridas após os anos 2000 e a forma que a história passada de Higienópolis influenciou o atual estado dele, que eram nossos principais objetivos.

Sobre a mudança no uso e construções do bairro, nossa ideia inicial de que apesar de alguns poucos casarões se manterem, espalhados por sua extensão, nos principais pontos do local, as avenidas Angélica e Higienópolis, os prédios comerciais e modernos predominam foi confirmada, tanto pelas visitas de campo quanto por meio dos textos. Como é dito por Homem (2018), grandes empresas multinacionais são as principais responsáveis por tal feito, fato anteriormente desconhecido para o grupo.

Já sobre a influência do passado na construção da forma presente de Higienópolis, a pesquisa mais a fundo nos revelou diversos fatos que a princípio eram desconhecidos por nós. A crença de que todo o prestígio e a fundação do bairro eram de responsabilidade da antiga sociedade cafeeira se mostrou extremamente equivocada de acordo com as leituras.

A descoberta de que, na verdade, foram três mulheres a principal causa de ter havido a ocupação e desenvolvimento da área foi uma surpresa. Além disso, saber que uma delas, Dona Veridiana, teve tamanha importância a ponto de receber a visita do próprio Imperador, além de ser a responsável por trazer diversas inovações ao país e promover a arte, indo contra o machismo e conservadorismo da época, foi algo extremamente interessante de se aprender e conhecer.

A ideia inicial sobre como tanto os fatores históricos e culturais afetam o bairro se comprovaram. Todo o ambiente é influenciado e influencia os frequentadores de lá. O comportamento foi apenas se adaptando à época, o bairro acompanha os avanços modernos, recria o pensamento higiênico e preserva a classe dos seus moradores. As construções refletem toda a história do bairro e suas funções se adaptaram com os interesses de quem vive lá. Portanto, o bairro e sua forma atual dialogam diretamente com a história do local e a cultura como a tese inicial apontava.

REFERÊNCIAS

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Edusp, 2003.

COELHO, Yeska. Arquitetura Moderna: o que é, história e suas características! 2021. Disponível em: <https://casacor.abril.com.br/arquitetura/arquitetura-moderna/#:~:text=A%20Arquitetura%20Moderna%20é%20uma,projetos%20arquitetônicos%20tradicionais%20da%20época..> Acesso em: 25 set. 2022.

ELIOT, T.S. Notas para uma definição de Cultura. São Paulo: Perspectiva, 2008.

FOSTER, Norman. The role of architecture in today's society. 2014. Disponível em: http://www.theeuropean-magazine.com/norman-foster/9114-the-role-of-architecture-in-todays-society?utm_medium=website&utm_source=archdaily.com.br. Acesso em: 25 set. 2022.

GAUDENCIO, Mahayana Nava de Paiva; CARVALHO, Thâmara Talita Costa de. Higienópolis: casarões e memória. Minha Cidade, São Paulo, ano 18, n. 215.01, Vitruvius, jun. 2018. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/18.215/7007>>. Acesso em 18 de maio de 2022.

HARVEY, David. Modernidade e Modernismo. In: HARVEY, David. A Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 17. ed. São Paulo: Loyola, 2008. Cap. 2.

HOMEM, Maria Cecília Naclério. Higienópolis: grandeza de um bairro paulistano. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2018.

MACEDO, Silvio Soares. Higienópolis e arredores, processo de mutação de paisagem urbana. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo. São Paulo, 1982

MARICATO, Ermínia. Brasil, cidades: Alternativas para a crise urbana. Petrópolis: Vozes, 2001.

SANTOS, Milton. Por uma Geografia Nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

ZUFFO, Élide Regina de Moraes. Pioneiros modernos: verticalização residencial em Higienópolis. 2009. 317 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://dspace.mackenzie.br/handle/10899/25843>. Acesso em: 18 maio 2022.